

A capacidade craniana de alguns grupos étnicos da Guiné Portuguesa

POR

AMÍLCAR MATEUS e EMÍLIA DE OLIVEIRA MATEUS

Faculdade de Ciências do Porto

Desde muito cedo que os antropologistas se têm interessado pelo estudo da capacidade craniana. Na verdade, este carácter tem grande importância teórica e prática, visto que está relacionado com o desenvolvimento do endocrânio e por conseguinte, até certo ponto, com a do encéfalo. Ora, considerando que o desenvolvimento deste condiciona o da actividade psíquica, seria da máxima conveniência o estabelecimento de relações entre as manifestações intelectuais, o desenvolvimento do encéfalo e a capacidade craniana.

Se fosse possível o estabelecimento de tais relações, poderíamos, sabida a capacidade craniana, usar um método de, digamos, «medir» a inteligência. Poderíamos também estudar as variações desta nos diferentes povos e relacionar essa variação com os graus de cultura.

Infelizmente o problema é muito mais complexo do que poderá supor-se. De facto, há grandes dificuldades a vencer neste assunto. Assim, se por um lado a inteligência não é função simples do peso do encéfalo, estando mais condicionada à sua superfície, e mais ainda à qualidade das células nervosas cerebrais, por outro lado não é fácil estabelecer uma fórmula satisfatória que nos dê o peso do cérebro em função da capacidade craniana. É certo que têm sido feitas algumas tentativas para deduzir o peso do encéfalo a partir da capacidade craniana, mas os resultados não são absolutamente satisfatórios.

Há ainda outras questões que vêm complicar o problema: a capacidade craniana não é o mesmo que volume do encéfalo; a determinação da capacidade craniana não é operação fácil.

A avaliação da capacidade craniana nos crânios vazios tem sido feita por métodos diversos, todos eles susceptíveis de crítica, sendo clássico o método de Broca. Usam-se modernamente outros equivalen-

tes que diferem essencialmente daquele na substância com que se enche a cavidade craniana (BREITINGER, 1953) e de que se determina seguidamente o volume.

Tem-se tentado estabelecer fórmulas que permitam obter a capacidade craniana no vivo. Uma das mais usadas, pois é a que dá resultados mais próximos dos obtidos por métodos directos, é a de Lee-Pearson (BARROS E CUNHA, 1938). Foi por isso que a utilizámos nas nossas observações.

Além da importância atrás citada, a capacidade craniana tem ainda outra, se a considerarmos independentemente das relações que possa ter com a actividade mais elevada do encéfalo. De facto, ela pode ser considerada, como qualquer outro carácter merístico, na caracterização racial, com a vantagem, sobre muitos outros, de possuir grande amplitude de variação. Para termos uma ideia dessa amplitude e do comportamento deste carácter em vários povos, vejamos alguns valores.

Da série de BROCA (1875) tirámos os seguintes resultados:

124 Parisienses — 1.558 cc.

85 Negros da África ocidental — 1.430 cc.

54 Negros — 1.427 cc.

13 Chineses — 1.527 cc.

15 Polinésios — 1.522 cc.

HRDLICKA, 1939, dá para «Negros» americanos o valor de 1.359 cc.

Para os Portugueses metropolitanos, BARROS E CUNHA, 1938, num trabalho de comparação de métodos, publica o resultado:

1.496 cc.,

obtido pelo método de Lee-Pearson.

COSTA FERREIRA, 1899, fez o estudo da capacidade craniana dos portugueses por províncias e obteve os seguintes valores médios extremos:

Máximo — 1.597 (Beira-Alta)

Mínimo — 1.507 (Trás-os-Montes)

A capacidade craniana tem sido determinada também em Antropóides e as determinações feitas mostram que há maior distância entre o Homem e os Antropóides que entre estes e os outros Primatas, qualquer que seja a idade dos indivíduos em comparação. É interessante notar também que a posição do *Sinanthropus pekinensis* fica entre os Antropóides e o *Homo sapiens*, mas mais próximo deste. No *Pithecanthropus* a capacidade craniana estaria entre 900 cc. e 1.000 cc.; no Gorila é cerca de 500 cc.

Os valores da capacidade craniana no Homem são geralmente mais baixos nos povos mais atrasados que nos mais civilizados. Isto não quer dizer que não haja primitivos actuais com capacidade elevada, como, por exemplo, os Polinésios da série de BROCA, facto que nos vem perturbar a simplicidade do esquema. É certo que a média desta série se baseia em pequeno número de casos e por isso o seu significado é pequeno.

MATERIAL E MÉTODO

As nossas séries foram obtidas durante as campanhas da Missão Antropológica e Etnológica da Guiné, realizadas nos anos de 1946 e 1947 ⁽¹⁾. Perfazem um total de 2.095 indivíduos masculinos distribuídos por 11 grupos étnicos. Também determinámos a capacidade craniana em séries de mulheres dos mesmos grupos e os resultados obtidos servirão para trabalho futuro.

É nosso propósito estabelecer relações entre a capacidade craniana e outros caracteres, como o índice cefálico, o peso, a estatura, etc. Por agora limitamo-nos ao estudo da capacidade craniana isoladamente, nas séries masculinas.

A partir dos diâmetros ântero-posterior máximo e transversal máximo e da altura auricular, calculámos a capacidade craniana pela fórmula de Lee-Pearson, como acima dissemos. Com os resultados individuais obtivemos as médias e os valores que as acompanham, segundo o método estatístico.

Procurámos relações entre as séries parciais em que se encontram decompostas as séries de alguns grupos, tal como já fizemos em trabalhos anteriores ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Não podemos esquecer a interferência do Senhor Prof. Doutor MENDES CORRÊA na criação da Missão e na nossa nomeação de membros da mesma. Graças a ela foi possível obter os elementos do presente trabalho. Aqui deixamos registada a nossa muita gratidão e o nosso alto apreço pelo grande mestre e impulsionador dos estudos de antropologia do Ultramar.

⁽²⁾ Aguardamos a oportunidade de aplicarmos, em trabalho de maior vastidão, outros métodos actualmente mais em uso. Por agora, comparámos a diferença das médias com o dobro ou o triplo do desvio padrão da diferença, para classificarmos aquela diferença como *significativa* ou *altamente significativa*.

valores da capacidade craniana se organizaram séries separadas para cada ilha e se compararam entre si para vermos que séries se pode-

TABELA I
 Quadro de comparação das séries dos Bijagós

	Bubaque																	
Bubaque																		
Sogá	A																	
Canhabaque		A																
Formosa	S		A															
Uno	A		A															
Orango	A		A															
Canogo		S		S	S	A												
Orangozinho	A		A	S														
Uracane	S		A															
Caravela			S															
Caraxe																		
Ponta																		
Maio																		

A — Séries entre as quais a diferença é altamente significativa.
 S — Séries entre as quais a diferença é significativa.

riam juntar (Tabela I). Verificámos que era possível formar 3 séries que designámos por A, B e C e que são constituídas pelas séries das seguintes ilhas:

Série A: Formosa, Orango, Uno, Caravela, Sogá, Uracane, Caraxe, Ponta e Maio;

Série B: Bubaque, Canhabaque e Canogo;

Série C: Orangozinho.

Este arranjo é diferente do que foi obtido para a estatura e para o índice cefálico. De facto, para o primeiro destes caracteres foi possível formar uma série com quase todas as ilhas menos com a de Caravela e a de Caraxe, que constituem séries isoladas; para o índice cefálico formou-se uma série com as de Canogo e Orango, outra com a de Caraxe isolada e outra com as das restantes ilhas.

No que respeita aos valores da capacidade craniana, podemos dizer que as ilhas do Arquipélago dos Bijagós, se excluirmos as de Orangozinho e de Canogo, constituem dois grupos, um ocidental, correspondente à série A, outro oriental, formado pelas ilhas da série B, passando a linha divisória entre Bubaque e Sogá.

Das 3 séries organizadas agora, a que apresenta média mais elevada é a B e a de média mais baixa, a série de Orangozinho. As 3 médias correspondem a valores de euencefalia. Os valores individuais máximos das duas primeiras séries são muito próximos. O da série C é bastante mais baixo que os das outras duas. O valor individual mínimo mais baixo é o da série A e o mais elevado é o da série C. Deste modo, a amplitude de variação é muito pequena nesta última. Os resultados discordantes da série de Orangozinho resultarão do pequeno número de casos da série desta ilha? É provável, pois esse número é apenas de 38.

Com as séries dos grupos étnicos continentais procedemos de modo idêntico e verificámos que não existem diferenças significativas entre algumas delas (Tabela II e III). Evidentemente que este facto, só por si, não tem grande significado e dele não podemos tirar ilações relativas a afinidades raciais entre os grupos étnicos a que essas séries pertencem. É necessário estudar grande número de caracteres para tal se poder fazer.

O que é um tanto estranho é existir diferença significativa entre Fulas-forros e Futa-fulas. Na estatura e no índice cefálico essa diferença não existe e tal facto está de acordo com as relações raciais entre os dois grupos, como temos apontado em trabalhos anteriores. Mas, por outro lado, eles diferem serologicamente, devendo considerar-se os primeiros muito nigrizados. Ora, pela capacidade craniana, também

os Fulas-forros estão mais próximos dos Fulas-pretos que dos Futa-fulas, mas o que não sabemos explicar é a causa da inferioridade deste carácter nos Fulas-forros. Na verdade estes são os indígenas que têm média mais baixa e valor individual mínimo também mais baixo.

A série de média mais elevada é a dos Nalus, os quais, pelo grau de cultura, não deviam ter situação tão privilegiada, pois ainda não há muitas décadas eram considerados antropófagos.

TABELA II
Quadro da capacidade craniana

Grupos étnicos	N.º	M \pm E _m (°)	$\sigma \pm E \sigma$ (°)	Mx.	Mn.	
Bijagós : {	Série A	611	1.337,27 \pm 2,87	70,89 \pm 2,03	1.606,8	1.108,1
	> B	228	1.372,41 \pm 5,86	88,46 \pm 4,14	1.608,0	1.136,6
	> C	38	1.312,82 \pm 12,08	74,40 \pm 8,53	1.445,2	1.136,9
Papéis	90	1.340,10 \pm 9,01	85,50 \pm 6,37	1.521,6	1.147,5	
Futa-fulas	120	1.317,70 \pm 8,28	90,65 \pm 5,85	1.570,0	1.128,9	
Fulas-forros	120	1.263,06 \pm 8,26	90,48 \pm 5,84	1.463,9	1.085,7	
Fulas-pretos	50	1.306,78 \pm 10,81	76,44 \pm 7,64	1.499,7	1.111,7	
Mandingas	100	1.318,10 \pm 9,18	91,80 \pm 6,49	1.529,3	1.106,7	
Biafadas	220	1.316,55 \pm 5,97	88,57 \pm 4,22	1.592,2	1.122,6	
Felupes	120	1.334,75 \pm 7,17	78,50 \pm 5,07	1.552,5	1.185,8	
Baiotes	118	1.379,00 \pm 7,51	81,60 \pm 5,31	1.577,2	1.217,4	
Nalus	200	1.382,82 \pm 6,06	85,67 \pm 4,28	1.621,4	1.189,1	
Sossos	70	1.373,10 \pm 9,71	81,30 \pm 6,87	1.583,5	1.212,7	

(*) Erros médios.

Dispondo as séries por ordem decrescente das suas médias, temos: Nalus, Baiotes, Sossos, Bijagós (série B), Papéis, Bijagós (série A), Felupes, Mandingas, Futa-fulas, Biafadas, Bijagós (série C), Fulas-pretos, Fulas-forros.

As diferenças entre as médias dos grupos assim ordenados têm valor elevado em alguns casos. Assim, entre a série B dos Bijagós e a dos Papéis é de 33 cc., entre Felupes e Baiotes é 16 cc. e entre Fulas-pretos e Fulas-forros, 43 cc. Deste modo, podemos formar 4 grupos constituído cada um por séries entre cujas médias as diferenças são pequenas. O 1.º é constituído pelos Nalus, Baiotes, Sossos e série B dos Bijagós; o 2.º pelos Papéis, série A dos Bijagós e Felupes; o 3.º pelos Mandingas, Futa-fulas, Biafadas, Bijagós de Orangozinho e Fulas-

-pretos; os Fulas-forros ficam à parte. As diferenças entre a média mais baixa de um grupo e a mais elevada do seguinte são, respectivamente: 32, 16, 43, enquanto que entre as dos componentes de cada grupo são sempre muito menores.

TABELA III

Quadro de comparação das séries globais

	Série A	Série B	Série C	Papéis	Futa-fulas	Fulas-forros	Fulas-pretos	Mandingas	Biafadas	Felupes	Nalus	Sossos
Série A												
Série B	A											
Série C	A	A										
Papéis		A										
Futa-fulas	S	A										
Fulas-forros	A		A	A	A							
Fulas-pretos	S	A		S		A						
Mandingas		A				A						
Biafadas	A	A		S		A						
Felupes		A				A	S	S				
Baiotes	A		A	A	A	A	A	A	A	A		
Nalus	A		A	A	A	A	A	A	A	A		
Sossos	A		A	S	A	A	A	A	A	A		

A — Séries entre as quais a diferença é altamente significativa.

S — Séries entre as quais a diferença é significativa.

O mapa anterior indica a localização geográfica dos grupos assim formados. Convém notar a posição próxima dos Papéis e Bijagós da série A e, de certo modo, também a dos Felupes; a dos Nalus e Bijagós da série B.

O quadro das percentagens (Tabela IV) mostra-nos que são os

TABELA IV

Distribuição dos indivíduos segundo a classificação da sua capacidade craniana

	Bijagós Série A		Bijagós Série B		Bijagós Série C		Papéis		Futa-fulas		Fulas-forros		Fulas-preitos		Mandingas		Blafadas		Pelupes		Batotes		Nalus		Sossos	
	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%	N.º	% ± E%
Oliguencéfalos . . . x — 1300	207	33,88 ± 1,91	48	21,05 ± 2,70	16	42,11 ± 8,01	33	36,67 ± 5,08	57	47,50 ± 4,56	84	70,00 ± 4,18	27	54,00 ± 7,05	43	43,00 ± 4,95	94	42,73 ± 3,34	43	35,83 ± 4,38	19	16,10 ± 3,38	35	17,50 ± 2,69	16	22,86 ± 5,02
Euencéfalos . . . 1301 — 1450	357	58,43 ± 1,99	140	61,41 ± 3,22	22	57,89 ± 8,01	43	51,11 ± 5,27	55	45,83 ± 4,55	35	29,17 ± 4,15	22	44,00 ± 7,02	50	50,00 ± 5,00	112	50,91 ± 3,37	66	55,00 ± 4,54	75	63,56 ± 4,43	124	62,00 ± 3,43	42	60,00 ± 5,86
Aristencéfalos . . . 1451 — x	47	7,69 ± 1,08	40	17,54 ± 2,52	—	—	11	12,22 ± 3,45	8	6,67 ± 2,28	1	0,83 ± 0,83	1	2,00 ± 1,98	7	7,00 ± 1,40	14	6,36 ± 1,65	11	9,17 ± 2,63	24	20,34 ± 3,71	41	20,50 ± 2,85	12	17,14 ± 4,50
Total	611	100,00	228	100,00	33	100,00	90	100,00	120	100,00	120	100,00	50	100,00	100	100,00	220	100,00	120	100,00	118	100,00	200	100,00	70	100,00

Fulas-forros que apresentam maior percentagem de oliguencéfalos e as menores de euencéfalos e de aristencéfalos, e os Baiotes a menor de oliguencéfalos e a maior de euencéfalos, pertencendo a maior de aristencéfalos aos Nalus, com pequena diferença em relação à dos Baiotes.

ESTUDO COMPARADO

À parte os trabalhos clássicos de estudo da capacidade craniana não há muitos referentes a determinações feitas em indígenas da África ocidental. Por isso, o estudo comparado deste carácter não pode fazer-se com muito desenvolvimento.

Os valores das médias coloca todas as nossas séries no grupo dos euencéfalos, o mesmo a que pertencem as séries estudadas por outros autores.

Alguns resultados figuram no quadro que a seguir se insere. Por vezes não somos informados de qual o grupo racial ou étnico a que pertencem os indivíduos a que esses resultados correspondem. Muitas vezes se encontra a designação de «negros» que, evidentemente, é muito vaga.

Designação	N.º	Capacidade craniana em cc.	Autor
Negros americanos	33	1.359	HRDLIČKA (1)
Negros	54	1.427	BROCA (1)
Negros da África Ocidental	85	1.430	» (2)
Malinquês.	28	1.450	CLAVELIN (3)

Estes valores são mais elevados do que os que nós obtivemos, excepto o da série de HRDLIČKA. O resultado deste autor situa-se entre os do nosso 1.º grupo de séries e o 2.º. Podemos tirar dele uma conclusão: a capacidade craniana dos negros levados para a América não aumentou pelo facto de terem sido transportados para continente diferente do original, apesar de decorridas várias gerações e de se terem

(1) Citação de J. LESCHI, 1951.

(2) Citação de J. DENIKER, 1926.

(3) Citação de N. NEUVILLE, 1936.

adaptado a cultura diferente da primitiva. É certo que a série é pequena e por isso esta conclusão é apenas provisória.

A única série de que temos indicação da qualidade étnica dos seus componentes é a dos Malinquês. Estes, como é bem sabido, formam o grupo mais importante dos Mandingas *tan*. São também designados por Mandin-quê. A média da sua capacidade craniana calculada por CLAVELIN é muito superior à da nossa série de Mandingas.

Como se vê, os elementos de que dispomos para o estudo comparado da capacidade craniana dos grupos africanos são ainda escasos. Muito convinha que os antropologistas que se ocupam da antropologia física do Continente Africano fizessem as suas observações de modo a poderem calcular este carácter que, pela sua importância, não é para desprezar.

RESUMO

Calculámos a capacidade craniana pelo método de LEE-PEARSON em 2.085 indígenas da Guiné Portuguesa, pertencentes a 11 grupos étnicos. Organizámos séries para cada um desses grupos, mas nos Bijagós as séries iniciais dizem respeito a cada uma das ilhas separadamente. Determinámos se as séries diferem umas das outras estatisticamente e, no caso dos Bijagós, juntámos as séries parciais, de acordo com essa determinação, resultando para eles 3 séries: série B, formada pelos indígenas de Bubaque, Canhabaque e Canogo; C, pelos de Orangozinho; A, pelos restantes indígenas.

Os valores das médias obtidas são geralmente inferiores aos publicados por outros autores que têm estudado povos africanos.

RÉSUMÉ

Nous avons calculé la capacité crânienne d'après la méthode de LEE-PEARSON à 2.085 indigènes de la Guinée Portugaise. Ces indigènes sont réparties par 11 groupes ethniques (V.° les tableaux). Nous avons organisé des séries, une à chaque de ces groupes, mais chez les Bijagos nous avons comencé à faire des séries de chaque île séparément. Nous avons déterminé s'il y a des différences statistiques entre ces séries et chez les Bijagos nous avons rejointre les séries partielles selon les résultats des comparaisons. De ce façon, nous avons obtenu 3 séries avec ces derniers indigènes: B avec les Bijagos de Bubaque, Canhabaque et Canogo; C, avec ceux de Orangozinho; A avec tous les autres.

Les valeurs des moyennes obtenues sont, d'ordinaire, plus bas que ceux publiés par d'autres auteurs qui ont étudié les peuples africaines.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS E CUNHA, J. G. DE — O valor dos métodos indirectos de calcular a capacidade craniana. *Arq. anatomia* 19: 589-591, 1938.
- BREITINGER, E. — La misurazione della capacità cranica. *S. A. S.* 27-28: 69-116, 1935.
- COSTA FERREIRA, A. A. DA — Crânios portugueses. III — Capacidade. *Sep. de Instituto* 46, 1899.
- DENIKER, J. — *Les races et les peuples de la Terre*. 2.^a ed. Masson & Cie, Paris, 1926.
- LESCHI, J. — Forme et capacité crânienne. — L'indice crânien horizontal. *L'Anthropologie*, Paris, 55: 445-462, 1951.
- MARTIN, R. — *Lehrbuch der Anthropologie*. 3.^a ed. Gustav Fischer, Stuttgart, 1957.
- MATEUS, A. — A estatura de alguns grupos étnicos da Guiné. *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Prog. Ciências*, Tomo v, 1950.
- MATEUS, A. — A estatura dos Bijagós. *Bol. Cult. Guiné Portuguesa* 28: 683-689, 1952.
- MATEUS, E. O. — Contribuições para o estudo do índice cefálico dos indígenas da Guiné Portuguesa. *Bol. Cult. Guiné Portuguesa* 28: 693-715, 1952.
- NEUVILLE, H. — Caractères somatiques. Leur répartition dans L'Humanité. *Encyclopédie Française*. Sec. B, Cap. III, 1936.